

FH confraterniza e Lula faz comício

Presidente fecha campanha no comitê e petista tenta chegar ao 2º turno com caminhada e comício

BRASÍLIA, SÃO PAULO e RIO

Os dois principais candidatos à Presidência da República tiveram agendas bem diferentes no último dia de campanha antes das eleições gerais deste domingo. Enquanto Fernando Henrique Cardoso, com ampla folga nas pesquisas, entrou no estúdio da produtora GW, em Brasília, para gravar seu programa de TV e depois se confraternizou com marqueteiros e assessores de campanha, Luiz Inácio Lula da Silva foi para as ruas de São Paulo e do Rio fazer comício, caminhada e corpo a corpo, na tentativa de levar a disputa para o segundo turno.

No estúdio, Fernando Henrique posou para fotos, autografou exemplares do seu programa de governo e agradeceu o trabalho de cada um na campanha. Apesar da confraternização e do clima de otimismo com a possibilidade de vitória já no primeiro turno, no Palácio do Planalto ou no comitê eleitoral a ordem é evitar qualquer tipo de comemoração antecipada. A operação de desmonte do comitê só será autorizada depois da divulgação do resultado final da eleição. Até lá, nenhum funcionário contratado para a campanha será liberado, e isso vale também para a equipe de produção dos programas de rádio e TV.

— Não podemos nos deixar contagiar pela euforia. Temos de estar preparados para tudo — resumiu um dos mais próximos assessores do presidente.

Lula acusa FMI e Clinton de interferirem nas eleições

Em São Paulo, ao fazer uma análise da disputa em comparação com a de 94, quando enfrentou pela primeira vez Fernando Henrique, Lula acusou o FMI, o Bird, o Governo argentino e o presidente dos EUA, Bill Clinton, de interferirem nas eleições brasileiras. O candidato da frente de esquerda disse acreditar numa virada neste domingo. Para ele, a disputa deste ano foi desigual, totalmente diferente da de quatro anos atrás:

— Este ano nós não enfrentamos apenas um adversário, nós enfrentamos um aparelho de Estado e os meios de comunicação. É a primeira vez na História do Brasil que nós fazemos uma campanha com ingerência externa, desde o presidente do Banco Mundial ao FMI, passando pelo Governo da Argentina ao presidente Clinton dando palpite nas eleições brasileiras. Foi uma campanha eleitoral totalmente atípica.

No último dia de campanha, Lula participou de um churrasco na sede da produtora de TV, onde foram feitos seus programas eleitorais, e de uma passeata no Centro de São Paulo. Cerca de duas mil pessoas, segundo a PM, acompanharam a caminhada. À noite, Lula encerrou a campanha com um comício na Cinelândia, no Rio.

Para o candidato, outra diferença é que o país hoje está quebrado e dependente de empréstimos externos que vão impor ao país um ajuste fiscal com cortes nos recursos da área social e recessão. Ao criticar a política econômica, Lula disse que o Governo "depende da benevolência de Clinton ser a mesma que teve com a ex-estagiária da Casa Branca Monica Lewinsky".

Ao fazer um balanço da campanha, Lula disse que trabalhou o suficiente para levar a disputa para o segundo turno. Apesar das pesquisas, ele disse confiar na consciência política do povo:

— Eu não estou preocupado com pesquisas. Em São Paulo parecia que havia um quadro definido e hoje já não há. Vamos ver a pesquisa de boca de urna e o resultado eleitoral.

No Rio, antes do comício de encerramento da campanha, Lula disse que, se for eleito, vai recusar o empréstimo que o FMI e o Bird estão oferecendo ao Brasil. O petista culpou o FMI pela retração de 15% das economias de Indonésia, Coreia do Sul, Tailândia e Rússia, e advertiu que o Brasil poderá seguir caminho semelhante no ano que vem.

— Nós não vamos nos subordinar ao FMI e ao Banco Mundial. O dinheiro a gente arruma internamente, investindo no setor produtivo — afirmou.

Na noite de quinta-feira, em Porto Alegre, Lula disse em discurso no Largo da Travessa do Carmo que Fernando Henrique está de cabeça baixa diante do sistema financeiro internacional. E adiantou que, se eleito, questionará os juros da dívida externa brasileira.

— Eu vou chamar os banqueiros e falar: "Olhem, por irresponsabilidade do neoliberalismo nós temos uma dívida com vocês. Eu até reconheço a dívida, mas, entre pagar juros para vocês e en-



ENTRE OS AUXILIARES que levaram sua campanha pela reeleição às ruas e à TV nos últimos 45 dias, Fernando Henrique acena

Luiz Carlos Santos/ AE



DURANTE CAMINHADA em São Paulo, no último dia da campanha, Lula abraça o casal Marta e Eduardo Suplicy, também candidatos

FALTAM 2 DIAS PARA AS ELEIÇÕES

24.979 votantes foram incluídos no cadastro nacional na última semana

11.126 novos eleitores estarão aptos a votar em São Paulo

95 títulos foram cancelados no Rio de Janeiro

cher a pança do povo, eu vou ficar com o povo brasileiro. Essas pessoas têm direito à vida, à cidadania".

Ministros recebem kit para fazer boca de urna silenciosa

Os coordenadores tucanos finalizaram as estratégias para estas vésperas de eleições. José Abrão, coordenador de mobilização, disse que todos os ministros receberam um kit com material de propaganda: camisetas, bonés, bandeiras e faixas. Além de 1,5 milhão de militantes que vão para as ruas neste fim de semana, os principais auxiliares de Fernando Henrique terão de suar a camisa para cabalar votos no dia da eleição.

— Se já vestiram a camisa da campanha, terão de vestir também a camisa da campanha. E se é ministro de Estado,

ai sim é que tem maior obrigação de participar do processo de civismo — disse Abrão, explicando que a Lei Eleitoral permite boca de urna silenciosa, o que torna possível os cabos eleitorais comparecerem às urnas com camisetas e bonés do candidato.

A idéia do comando da campanha é trabalhar incansavelmente para garantir uma votação expressiva, já no primeiro turno, para aumentar a força do presidente num possível segundo mandato, principalmente junto ao Congresso, para aprovar as reformas.

— Precisamos alcançar uma votação consagrada. Quanto mais expressiva a votação, mais força o presidente terá para governar — disse o coordenador político da campanha, Euclides Scalco.

Hoje Fernando Henrique se dedica inteiramente à agenda de presidente. No

domingo viajará a São Paulo para votar. Ele acompanhará a apuração em Brasília, para onde voltará no fim da tarde.

Apesar de seu candidato ter se mantido durante todo o tempo à frente dos adversários, o publicitário Nizan Guanaes, da DM-9, disse que ainda não relaxou:

— Corremos atrás o tempo todo. Nunca ficamos naquela posição de quem já está ganhando.

PT pede ajuda à OAB para fiscalizar as eleições

Já o comando da campanha de Lula dirige agora sua atenção para a fiscalização das eleições. O presidente nacional do PT, José Dirceu, enviou ontem uma carta ao presidente do Conselho Federal da OAB, Reginaldo Oscar de Castro, pedindo que a entidade ajude na vigilância, mantendo plantão nas suas seccionais para o recebimento de possíveis denúncias de fraude.

— Queremos evitar o transporte de eleitores a distribuição de cestas básicas no dia da eleição — disse Dirceu.

A coligação União do Povo-Muda Brasil pediu ontem, através de uma representação, o afastamento do presidente do TSE, Ilmar Galvão, por causa de sua afirmação de que a reeleição do presidente seria indispensável para a manu-

tenção do atual modelo econômico. A petição foi enviada ao vice-presidente do TSE, Néri da Silveira, e deverá ser julgada pelo plenário. Segundo a assessoria jurídica da coligação — que baseou a representação na Constituição, no Estatuto da Magistratura, no Código Eleitoral e no regimento interno do TSE — as declarações de Galvão ferem as normas constitucionais e legais, que impedem a parcialidade partidária dos magistrados e proíbem juízes de manifestar opiniões publicamente.

Para equipe de FH, campanha de 94 foi mais fácil

Embora a campanha tenha sido uma das mais mornas da História brasileira, diante do favoritismo de Fernando Henrique, sua equipe considera que o trabalho foi mais fácil em 94. O peso da reeleição — e os cuidados para evitar ações por uso da máquina administrativa — foi sentido no dia a dia.

— A campanha à reeleição é muito mais complexa, porque você não está lidando apenas com o potencial de seu candidato e o seu discurso, mas com uma conjuntura que foge do controle de qualquer pessoa — disse o coordenador de marketing, Rui Rodrigues, referindo-se a momentos tensos como o da crise da Rússia. ■